

João Paulo Silvestre

A recepção do *Vocabolario della Crusca* e do *Dictionnaire de l'Académie* na lexicografia portuguesa: o *Vocabulario* de Rafael Bluteau

in Elisa Corino, Carla Marelo, Cristina Onesti (eds.) *Atti del XII Congresso Internazionale di Lessicografia*, Volume 1, Alessandria, Edizioni dell'Orso, 2006, pp. 97-102. ISBN 88-7694-918-6.

Abstract: In the beginning of the 18th century, the first full-size dictionary in Portuguese is produced following the publication of the third edition of the *Vocabolario della Crusca* (1691), of the *Dictionnaire de l'Académie Française* (1694) and at a time when the *Diccionario de la lengua castellana* (1726-1739) was already in preparation. Rafael Bluteau sets in motion the composition of the *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728) in an attempt to reproduce in Portugal the working methods, the purposes and functions generally attributed to the early vernacular European dictionaries, specifically the organisation of academic sessions. However, intellectuals do not demonstrate concern for metalinguistic reflection and the lexicographer ends up compiling a dictionary accomplishing for the Portuguese language the same functions of institutional dictionaries, resorting to the authoritative literary corpus and translation of French lexicography. Though displaying shortcomings at conception level, it will become the major source for modern lexicography in Portuguese.

A língua portuguesa conhece no início do século XVIII o primeiro dicionário monumental, no seguimento da publicação da terceira edição do *Vocabolario della Crusca* (1691), do *Dictionnaire de l'Académie Française* (1694) e quando se preparava o *Diccionario de la lengua castellana* (1726-1739). Cerca de 1690, Rafael Bluteau inicia a redacção do *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728) tentando reproduzir em Portugal os métodos de trabalho, os objectivos e as funções que geralmente se associam aos primeiros dicionários dos vernáculos europeus, nomeadamente a constituição de sessões académicas.

Todavia, os eruditos não demonstram interesse pela reflexão metalinguística e, num trabalho solitário, o lexicógrafo acaba por compilar um dicionário que desempenhe para o por-

tuguês as mesmas funções que os dicionários académicos, recorrendo à autoridade de um corpus literário e à tradução da lexicografia francesa.

Apesar de ser o maior corpus dicionarístico do português reunido até então, o *Vocabulario* é condicionado tipologicamente pela presença de informação bilingue, numa fase intermédia da evolução da lexicografia, entre a comparação e a emancipação em relação à língua clássica.

O início da lexicografia institucional do português é tradicionalmente marcado pela primeira obra que reivindica no título a filiação académica: o *Diccionario da Academia* (1793), que pretendeu substituir o *Vocabulario* enquanto obra de referência na fixação e autorização do léxico português, investindo numa maior fundamentação teórica, no que respeita à tipologia, objectivos e técnica dicionarística (Casteleiro, 1993; Verdelho, 1994). Os redactores principais (Pedro José da Fonseca, Agostinho José Macedo e Bartolomeu Inácio Jorge) tomam por modelo títulos recentes, como a edição de 1780 do *Diccionario de la lengua castellana* (cf. Messner, 2000).

Todavia, uma parte das funções e objectivos associados a um dicionário institucional, precisamente estabelecidos pelo exemplo das Academias de França e da Crusca, já haviam sido traçados por Bluteau. E porque o dicionário de 1793 nunca foi concluído e foi somente editado até à letra A, o texto de Bluteau continuava a apresentar-se como um corpus de memória lexicográfica bem mais completo.

1. Rafael Bluteau e o projecto de um dicionário académico

O padre Rafael Bluteau (1638-1734) chega a Portugal em 1668, após um longo percurso pessoal e de formação universitária que o habilitou a escrever e falar em francês, inglês e italiano, para além da leitura em castelhano. Estudou em Paris, Roma e Verona, e teve como instrumentos usuais de aprendizagem diversos dicionários bilingues francês-latim e o dicionário da Crusca. Apesar de estar em Portugal, mantém correspondência assídua com França, adquirindo obras lexicográficas, literárias e científicas. O projecto de redigir um dicionário pode ser justificado pela sua experiência de aprendizagem do português. Inicialmente concebido como um dicionário bilingue em que se valoriza a qualidade da informação latina, o trabalho é progressivamente ampliado pela ambição de reunir o maior corpus até então compilado, autorizado pelo património literário.

A realização de academias de carácter literário e científico, em que Bluteau participa, surge como uma oportunidade de conferir um estatuto diferente ao dicionário. As relações de amizade com Francisco Xavier de Meneses, organizador das Conferências Discretas e Eru-

ditas (1696), permitiram-lhe reivindicar um espaço para a discussão de temáticas metalinguísticas, em que a Academia Francesa é claramente o modelo inspirador no que respeita à reflexão sobre a língua e a eloquência.

Na organização dos trabalhos e nos estatutos percebem-se as semelhanças com o plano de trabalho dos académicos franceses, particularmente a questão da procura da perfeição da língua e a avaliação da «necessidade que havia de algumas vozes estranhas, para que nos faltavam nomes próprios» (Bluteau, 1727-1728, I: 1-2).

As questões seriam apresentadas numa sessão e a discussão teria lugar na seguinte, submetendo-se a decisão ao voto dos académicos, nobres e clérigos ilustrados, muitos deles com obra literária publicada. Tratava-se de um bem estruturado programa de investigação lexicológica, que Bluteau imaginava vir a ocupar os académicos (especialmente os que tinham obra literária publicada), suscitar discussões polémicas e produzir resultados autorizados, que pudesse recuperar directamente para a redacção do dicionário. O debate linguístico não atinge a dimensão desejada, porque a adesão dos académicos é inferior à prevista, havendo apenas o registo de doze reuniões. Os objectivos eram demasiado ambiciosos para, em tempo útil, serem incorporados no dicionário. Em 1697, data do início das sessões, já teria fixado uma nomenclatura básica e parte substancial dos artigos já teria sido redigida. O teor das reflexões que propõe nas academias pressupõe um conhecimento experimentado do corpus literário e lexicográfico português. O trabalho progredia independentemente da colaboração dos académicos, deles apenas esperava a autorização para neologismos e opções ortográficas e não há notícia de que pretendesse confiar-lhes a redacção dos artigos. O catálogo das sessões poderá não ser completo, mas permite constatar que, das palavras analisadas, a maioria dos casos se relaciona com a precisão do significado e a introdução dos novos termos, geralmente decalcados a partir de palavras francesas que o uso progressivamente introduziu na escrita. Na leitura dos artigos do *Vocabulário* correspondentes às palavras analisadas nas academias identificam-se algumas referências aos debates, mas o número de palavras estudadas constitui uma percentagem reduzidíssima do total de entradas.

2. O exemplo dos dicionários da Crusca e da Academia Francesa

Por não contar com a autorização dos académicos, o lexicógrafo não reivindica explicitamente para o seu dicionário uma função normalizadora. Neste contexto, a comparação com os dicionários da Crusca e da Academia Francesa procura sublinhar outras características que aproximariam o *Vocabulário* dos objectivos e funções dos dicionários institucio-

nais: a monumentalidade física associada à ambição de exaustividade, o recurso a um corpus de autores e a relação entre a obra lexicográfica e um poder legitimador.

Para Bluteau, os dois dicionários académicos são sobretudo invocados nos textos do prólogo enquanto modelos de prestígio, sugerindo que o *Vocabulário* representa para a língua portuguesa a consecução de objectivos semelhantes.

2.1. Monumentalidade

Tal como os dicionários da Crusca e da Academia Francesa, a monumentalidade material do *Vocabulário* é associada à extensão do léxico e, por consequência, à "qualidade" da língua. Neste caso, porque o dicionário tem mais volumes que o italiano e o francês, depreende-se a maior abundância de palavras na língua portuguesa. Diz o lexicógrafo no prólogo:

«Supposto isto, de qualquer nação que sejas, Leitor Estrangeiro, com a presunção da preminencia da tua lingua, estranharàs a vasta extensão deste Vocabulário. Outo volumes deste tamanho de vozes Portuguezas, quando os Academicos da Crusca em toda a lingua Italiana, & a Academia Real de França em quatro volumes encerrou a fecundidade, & facundia da lingua Franceza? Já certo Religioso estrangeiro dos mais conspicuos da sua Religião, admirado da grande quantidade dos meus cadernos me disse, que não imaginava, que fosse a lingua Portugueza tão copiosa. [...] No tocante aos Vocabulários da Crusca, & da Academia Real de França não fazem tantos volumes, como este, porque são monoglottos, quero dizer, de hum so idioma; hum he Francez, outro he Italiano; mas este Vocabulário he bilingue, Portuguez, & Latino, & posto que o Latim em comparação do Portuguez occupe nelle pouco lugar; necessita de mayor espaço, que os ditos monoglotos, em que tambem não entram, como neste, nomes concernentes à Geographia, ou descripção de terras. Porem pellas noticias, que tenho, acho que este Vocabulário, ainda que não fora, nem Latino, nem Geographico, ainda seria mais copioso, que os que ategora se tem impresso em lingua vulgar estranha» (Bluteau, 1712: «Ao leitor estrangeiro»).

2.2. Legitimação política

Concluída a publicação do *Vocabulário*, a obra e o autor ressentem-se da falta de um patrocínio régio ou académico efectivamente legitimador, que marcaria a diferença entre a opinião particular e a força da autoridade. Com a dedicatória da obra ao rei, Bluteau procura para o seu dicionário um suporte institucional na figura do monarca João V. Todavia, ao contrário do que sucede com o projecto do dicionário da Academia Francesa, o *Vocabulário* não resulta de um plano de política linguística ordenado pelo rei. Desde a origem a Acade-

nia estava incumbida de produzir um instrumento regulador da língua, enquanto o *Vocabulário* foi oferecido ao rei quando concluído, para que fosse mecenas do autor. O patrocínio régio que no caso francês atribuía ao dicionário um peso normativo desde a redacção, na língua portuguesa é uma adição conjuntural, que confere uma força de norma a um dicionário que, de facto, não possui princípios teóricos que a sustentem.

2.3. Corpus de autoridades

À semelhança do dicionário da Crusca, Bluteau é o primeiro lexicógrafo da língua portuguesa a constituir um corpus de autores para abonar a nomenclatura, fixar cânones de bom uso e confirmar a valência literária da língua. Os dicionários monolíngues do século XVII constituem a sua nomenclatura beneficiando do suporte essencial de um património textual em vernáculo que, para além do número de títulos, se expande também em variedade temática e riqueza lexical. O esforço de uma abonação sistemática de todas as entradas, sob a forma de remissões, ou, de preferência, através da citação de excertos contextualizadores, é a transposição para o vernáculo do conceito fundamental de *autoridade*, que norteava a filologia e a dicionarística latinas, e de que dependiam noções como o bom uso e a norma. O exemplo da palavra escrita, associada a um autor e acreditada pelo texto impresso, autoriza a propriedade de uso e uma ortografia normalizada, bases sobre as quais se estabelece a emancipação em relação ao latim. Os académicos italianos desde cedo percebem que a promoção do uso literário dos dialectos toscano e florentino dependia da existência de um bom dicionário que além de esclarecer os sentidos, reunisse os exemplos dos melhores escritores. O resultado é uma obra inovadora, recebida com assinalável sucesso em toda a Europa, que se torna um modelo preferencial para o dicionário da Academia de França, anunciado em 1635. Todavia, em 1638 o dicionário francês sofre uma reorientação de objectivos, passando a ignorar os arcaísmos e a recusar a inclusão de citações explícitas de autores vivos ou mortos. Sob o pretexto de que alguns dos melhores escritores franceses eram simultaneamente colaboradores no dicionário — o que tornaria imodesta a citação — esta opção mantém-se até 1694 e é justificada no prefácio, em que se reclama para o colectivo dos académicos um poder autorizador bastante. Nesta regra os críticos viram um defeito e os dicionários que entretanto se iam delineando, como é o caso do *Vocabulário Português*, integram a abonação como um elemento fundamental. O corpus reunido por Bluteau, ainda que marcado por algumas restrições da censura inquisitorial, é suficientemente amplo para constituir um cânone de referência para os lexicógrafos seguintes,

nomeadamente para o *Dizionario* (1789) de Morais Silva, que é o primeiro dicionário verdadeiramente monolíngue.

Os dicionários académicos italiano e francês não terão sido fontes importantes na constituição de uma técnica lexicográfica, pois não são dicionários bilingues. Na redacção dos artigos, o dicionário da Crusca é raramente citado, apenas para esclarecer o significado de palavras italianas que originaram palavras portuguesas. Nem sequer é o dicionário italiano preferido por Bluteau, pois a autoridade do *Onomasticum Romanum* (1681) é invocada com maior frequência. A técnica lexicográfica do dicionário da Academia era à partida inconciliável com o Vocabulário e não é usado para documentar o significado de termos franceses, pois grande parte das definições que o lexicógrafo traduz e adapta de dicionários franceses provém do *Dictionnaire Universel* de Antoine Furetière (1690).

3. Características tipológicas do *Vocabulário*

Falhando a possibilidade de um trabalho colaborativo, ou sequer o suporte autorizador de um colégio de doutos, Bluteau conclui a maior parte da redacção do dicionário até cerca de 1720. A técnica lexicográfica, a selecção da nomenclatura e a redacção das definições têm por base a informação disponível em dicionários contemporâneos.

Os dicionários portugueses apresentavam soluções pouco satisfatórias, pois eram sobretudo destinados ao trânsito escolar, descrevendo com mais profundidade o latim (cf. Cardoso, 1562; Barbosa, 1611; Pereira, 1697). Bluteau volta-se para a lexicografia francesa, que oferecia um conjunto de dados que poderiam ser directamente traduzidos para português. Devido ao exclusivo que havia sido concedido à Academia, os dicionários bilingues franceses funcionavam quase como monolíngues, propondo definições muito completas e um trabalho de análise semântica mais elaborado que qualquer dicionário latim-português existente (cf. Pomey, 1691). Por outro lado, a lexicografia de tipo pré-enciclopédico registava definições que eram verdadeiramente translinguísticas, pois direccionavam-se não para a descrição das palavras, mas daquilo que elas representavam (cf. Furetière, 1690; Moreri, 1699). Tal como a generalidade do público francês, Bluteau também se rende à fórmula dos dicionários universais, que compendiam conhecimento. A reflexão metalinguística proposta pelos lexicógrafos da Academia será mesmo pouco apreciada pelo público contemporâneo, que vê outras possibilidades e funções para o dicionário.

Bluteau define as características tipológicas da sua obra precisamente neste momento de transição, quer na técnica dicionarística, quer nas funções sociais do dicionário, e até mesmo na recepção deste tipo de obras. O facto de o *Vocabulário* ter assumido alguns dos objectivos dos dicionários institucionais, ter um corpus de abonações muito amplo e por várias décadas ter sido o mais extenso dicionário em português, faz com que, na prática, fosse considerado para a língua portuguesa como o equivalente aos dicionários da Crusca, da Academia Francesa ou da Academia Espanhola.

Referências

A. Dicionários

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (1993). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Reprodução fac-similada da edição de 1793. Lisboa, Academia das Ciências (edição original: Lisboa, Academia Real das Ciências, 1793).

ACADÉMIE FRANÇAISE (1694). *Dictionnaire de l'Académie Française, dédié au Roy*. Paris, Vve. Jean Baptiste et Jean Baptiste Coignard.

ACCADEMIA DELLA CRUSCA (1623). *Vocabolario degli accademici della Crusca [...]*. Venezia, Iacopo Sarzina.

— 1691, *Vocabolario degli accademici della Crusca [...]*. Firenze, Stamperia dell' Accademia della Crusca.

BARBOSA, Agostinho (1611). *Dictionarium Lusitanicolatinum iuxta seriem alphabeticam [...]*. Bracharae, Typis, & expensis Fructuosi Laurentij de Basto.

BLUTEAU, Rafael (1712-1728). *Vocabulário português e latino [...]*. Tomos I e II: Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712; tomos III e IV: Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713; tomo V: Lisboa, Oficina de Pascoal da Sylva, 1716; tomos VI e VII: Lisboa, Oficina de Pascoal da Sylva, 1720; tomo VIII: Lisboa, Oficina de Pascoal da Sylva, 1721; suplemento I: Lisboa, Oficina de Joseph Antonio da Sylva, 1727; suplemento II: Lisboa, Na Patriarcal Oficina da Musica, 1728.

— (1727-1728). *Prosas portuguesas recitadas em diferentes congressos academicos [...]*. 2 partes em 1 vol. Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva.

CARDOSO, Jerónimo (1562). *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in latinum sermonem*. Ulissypone, Ex offic. Joannis Alvari.

FURETIÈRE, Antoine (1690). *Dictionnaire Universel [...]*. La Haye & Rotterdam, Arnout & Reinier Leers.

MORERI, Louis (1699). *Le grand dictionnaire historique [...]*. Paris, Jean-Baptiste Coignard. (1ª edição: Lyon, Iean Girin & Barthelemy Riviere, 1674.)

PEREIRA, Bento (1697). *Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum, et Lusitanum digesta [...]*. [Inclui: *Thesouro da lingua portuguesa*]. Eborae, ex Typographia Academiae.

POMEY, François Antoine (1691). *Le Dictionnaire Royal, augmenté de nouveau [...]*. Lyon, Antoine, & Horace Molin.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1780). *Diccionario de la lengua castellana compuesto por la Real Academia Española*. Madrid, Joaquín Ibarra.

SILVA, António de Morais (1789). *Diccionario da lingua portuguesa [...]*. Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira.

B. Estudos

BIEDERMANN-PASQUES, Liselotte (1998). ‘Les théories orthographiques de l'Académie et leur mise en pratique (1673; 1694-1992)’, in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, 111-126.

BRAY, Laurent (1990). ‘La lexicographie française des origines à Littré’, in Franz Josef HAUSMANN *et alii* (eds.), *Wörterbücher / Dictionaries / Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie / An International Encyclopedia of Lexicography / Enciclopédie internationale de lexicographie*. 2. Berlin-New York, De Gruyter, 1789-1818.

CASTELEIRO, João Malaca (1993). ‘Estudo Linguístico do 1º Dicionário da Academia (1793)’, in ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, *Dicionário da Língua Portuguesa*. Reprodução fac-similada da edição de 1793. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, xi-xxiv.

— (1998). ‘La lexicographie lusitanienne et le Dictionnaire de l'Académie’, in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, 431-438.

MESSNER, Dieter (2000). “El Diccionario de la Lengua Castellana de 1780: una fuente del Diccionario da Língua Portuguesa de 1793”, in *Revista de Filología Española*. Madrid, 129-139.

VERDELHO, Telmo (1994). ‘Portuguesisch: Lexicographie. Lexicografia’, in Günter HOLTUS, Michael METZELTIN, Christian SCHMITT (eds.), *Lexikon der romanistischen Linguistik (LRL)*. 6, 2. Max Niemeyer, Tübingen, 673-692.

